



Editorial

Elias Wolff

Existe atualmente uma mudança de eixo hermenêutico da realidade da *ecumene*. De um lado, mantém-se a perspectiva religiosa em duas direções: na busca da unidade cristã através de consensos doutrinários e do testemunho comum da fé em Cristo, priorizando o horizonte eclesiológico da *ecumene*; e no ecumenismo inter-religioso, que mesmo se as igrejas priorizam a perspectiva cristã da *oikoumene*, a redimensionam abrindo os sistemas teológicos tradicionais e extrapolando o horizonte eclesiológico. Por outro lado, temos o ecumenismo secular que dá passos significativos nas causas sociais, ecológicas e na interculturalidade. Este ecumenismo prescindente de fundamentação religiosa, sustentando-se em princípios básicos comuns, como uma ética mundial que sustenta relações simétricas entre indivíduos, povos e na relação com a criação.

Essas diferentes formas de ecumenismo não se contradizem. São modos legítimos de compreender e realizar o diálogo no qual interagem diferentes formas de compreensão e de construção da *oikoumene*. Assim, as dificuldades para delimitar o significado de ecumenismo não deslegitimam as contribuições específicas dos diferentes sujeitos que o configuram e das diferentes pautas que a causa ecumênica assume. Nesse contexto, a busca pela unidade cristã não é *démodé*, mas assume a consciência que o ecumenismo não se resume na Igreja. A reconciliação entre as igrejas integra-se numa *ecumene* mais ampla, que seja expressão do Reino de Deus onde se manifestam diferentes nas vivências religiosas e socioculturais da humanidade.

A humanidade vive hoje entre tensões e conflitos motivados por diversos fatores, dentre eles a descontrolada competição econômica do mercado financeiro globalizado, pelo que as relações entre pessoas e povos nem sempre são pautadas em princípios de justiça e de cooperação. Essas tensões e conflitos se intensificam nas regiões do planeta onde se vive em graves situações de pobreza social, fome e violência, consequências da competição econômica desleal entre os povos. As guerras existentes agravam ainda mais essa situação, como atualmente se observa nos ataques da Rússia contra a Ucrânia. Além disso, as questões ambientais e ecológicas também conflituam as relações entre os povos, como a escassez das

águas, o desequilíbrio dos ecossistemas, a perda da biodiversidade, como o aquecimento global. Com o aumento do e da fome, temos o aumento da mobilidade humana como uma das consequências das questões ambientais e das guerras.

Esses fatores incidem na compreensão teórica de ecumenismo e nas suas iniciativas práticas, assumindo novas dinâmicas e novos paradigmas, integrando novas pautas, novos parceiros, novos objetivos e novos métodos. Urge situar o ecumenismo nos novos contextos onde emergem os novos desafios socioculturais, do pluralismo religioso e do meio ambiente, aos quais o movimento ecumênico precisa dar uma resposta que o torne crível para toda a humanidade. O agir ecumênico se dá em prol das causas da humanidade, em tudo o que promove a vida e a reconciliação. E assim revigora-se o caminhar ecumênico das igrejas, ajudando-as a repensarem suas teologias, suas estruturas, suas espiritualidades, seus projetos de missão.

Situa-se aqui a XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), realizada em Karlsruhe, Alemanha, de 30 de agosto a 8 de setembro de 2022. O lema da assembleia afirma seu objetivo de inserir-se na vida dos povos, como sinal e colaboração para a superação dos problemas que enfrentam: *O amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade*. “Reconciliação” e “unidade” são os horizontes dos estudos, das conversações ecumênicas, das celebrações, das atividades, enfim, realizadas na XI assembleia do CMI. Esses horizontes tem forte explicitação em momentos importantes da assembleia, como na seção dedicada à guerra da Rússia com a Ucrânia; na seção dedicada à justiça climática; na mensagem que o papa Francisco enviou à assembleia, entre outros. Tais momentos, entre outros, fortalece a consciência que a superação dos problemas da humanidade exige a colaboração das igrejas. E esta cooperação se dá na medida em que elas buscam a unidade, a qual deve ser compreendida e vivida como um serviço à reconciliação e à unidade do mundo. O amor de/em Cristo é o motor para que isso aconteça.

O presente número da revista *Caminhos de Diálogo* oferece significativos estudos para compreendermos a importância da XI assembleia do CMI, não apenas para as igrejas e organizações que dela participaram, mas para todo o mundo cristão, as culturas e as religiões de todos os povos. No dossiê, Elias Wolff, escreve *A XI Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas: observações na perspectiva de ações concretas pela unidade e reconciliação do mundo*, apresentando impressões da assembleia a partir da atuação na área denominada *Brunnen*, setor de exposição dos trabalhos de igrejas e organizações da sociedade civil. Rudolf von Sinner trata sobre *A guerra entre a Rússia e a Ucrânia – lições ecumênicas*. O autor mostra que a invasão russa à Ucrânia tem raízes profundas, visíveis principalmente ao redor do chamado *Euromaidan* em 2014 e a subsequente anexação da Crimeia pela Rússia. Analisa o complexo posicionamento da Igreja ortodoxa russa sobre a guerra e como essa questão é tratada pelo CMI. Conclui o autor que “destaca-se a tensão, mas necessidade de manter juntos crítica profética e diálogo ecumênico, o qual, contudo, não deve ser confundido com leniência ou

harmonia romântica”. Marcelo Barros escreve sobre *A reconciliação do mundo e as teologias da libertação*, mostrando que a assembleia do CMI “desafia não apenas suas igrejas-membro, mas a humanidade inteira, com suas culturas e seus credos, a viverem um processo de reconciliação global, entre os povos e desses com toda a criação”. O autor mostra que o tema da assembleia do CMI é presente na reflexão teológica latino-americana e nas organizações que lutam por justiça reconciliadora em nosso meio, como o Fórum Social Mundial. Helmut Henders disserta sobre *Reconciliação profunda, justiça e retidão: ressonâncias necessárias em tempos acelerados*, fazendo tanto uma problematização como um alargamento do tema da XI assembleia do CMI, apontando desafios externos e internos às igrejas. Graham McGeoch trata sobre *The Church and the churches: ecclesiological reflections at the 11th Assembly of the World Council of Churches*, mostrando a importância da questão eclesiológica na identidade das igrejas-membro do CMI. Afirma que as igrejas precisam continuar aprofundando a proposta eclesiológica presente no documento de Fé e Ordem, *A Igreja: uma visão ecumênica*. Walter Klaiber escreve sobre *The ministry of reconciliation: why the churches owe the message of reconciliation to a divided world*, perguntando: “nestes dias, de que precisaria o nosso mundo mais do que a reconciliação, a paz e a unidade?” E responde que também a Igreja precisa de reconciliação, e somente assim ela pode prestar um serviço de reconciliação ao mundo. Busca fundamentar bíblicamente como “o amor de Cristo conduz o mundo à reconciliação e à unidade”.

Nos artigos gerais, Martin Timóteo Dietz escreve sobre *Diálogos inter e intraconfessionais no século XVI como exemplos para uma pedagogia do diálogo contemporâneo*, mostrando a importância do diálogo ecumênico atual ter presente a memória do diálogo realizado também no passado das igrejas, pois a “‘comunhão dos santos’ da qual fala o credo não é apenas sincrônica, mas igualmente diacrônica, englobando pessoas cristãs não somente de todos os lugares, mas também de todos os tempos”. Lubomir Žak trata sobre *Martin Luther, Sergei Nikolaevich Bulgakov and Pavel Alexandrovich Florensky: an unexpected convergence regarding the concept of the “new theology”*. O autor afirma diferenças históricas, culturais e teológicas entre Lutero, Bulgakov e Florensky, mas aponta também para convergências sobre uma “nova teologia” capaz de gerar uma “melhor compreensão e transmissão da verdade viva e vivificante da revelação cristã”. Osni Pavão dos Anjos escreve *Por que a guerra? Paradoxos entre violência, sofrimento e cuidado: atravessamentos entre Einstein, Freud e Etty Hillesum*. O autor analisa o ser humano e suas ações numa abordagem social, psicanalítica e religiosa, partindo dos paradoxos entre violência, sofrimento e cuidado. Relaciona o potencial agressivo da natureza humana com o “intelecto e ternura que o tornam apto para fazer escolhas em defesa da vida”. Então questiona sobre uma superação da realidade destrutiva que a humanidade possui em seu interior. Analisa o posicionamento da Psicanálise sobre as razões pelas quais o ser humano faz guerra (a carta *Por que a guerra?* de Albert Einstein e Sigmund Freud), e o diário de Etty Hillesum, uma judia que viveu e morreu no

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

campo de concentração de Auschwitz. Verifica se o ser humano, dotado de intelecto, pode ser capaz de rechaçar o ódio e cultivar uma espiritualidade capaz de o mover para um caminho de pacificação.

O presente número da *Caminhos de Diálogo* traz, ainda, a recensão do livro *Exclusão e abraço: uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação* de Miroslav Volf, escrita por Benedito Tadeu dos Santos, crônicas e documentação. Boa leitura! ✨